

Qual a Situação Transferencial na Psicanálise Hoje?¹

Escola Lacaniana de Psicanálise do Rio de Janeiro

Não é verdade que as pessoas param de perseguir o sonho porque envelhecem, elas envelhecem porque param de perseguir os sonhos.
Gabriel Garcia Marquez

Eu vou pagar a conta do analista para nunca mais saber quem sou.
Cazuza.

Será que a psicanálise está envelhecida? Gabriel Garcia Marquez, em 1967, nos conta, em sua obra *Cem Anos de Solidão*, sobre um acontecimento peculiar em uma sociedade fantástica em que seus habitantes pararam de dormir. Em um primeiro momento, esse acontecimento é percebido com otimismo, pois o não dormir possibilitou a realização de um desejo daquele povo em ser mais produtivo, sem parar, porém não contavam que, sem o dormir, traíram-se ao cessarem suas atividades oníricas, pararam de sonhar.²

Ora, e qual o maior problema em não sonhar? Bem, o sonhar é o editor de nossas memórias. Freud se atentou a isso, brilhantemente, através das narrativas dos sonhos de seus pacientes. O neurocientista Sidarta Ribeiro o nomeia “oráculo da noite” em livro de mesmo nome dedicado ao sonhar.³ Assim, as pessoas daquela comunidade do livro citado no primeiro parágrafo, que também conta a história dos “Buendias”, começam a esquecer tudo, a ponto de nomearem vaca com placas escritas “vaca”; leite, “leite”, no limiar entre a coisa e o significante que a mata.

Trago o exemplo de um sujeito psicótico que não registrava seu dormir, isso não era percebido por ele. Por vezes, pedia acolhimento noturno no CAPS (Centro de Atenção Psicossocial, modelo substitutivo do modelo manicomial para tratamento da loucura) para que conseguisse dormir, visto que reconhecia sua maior irritabilidade ao não dormir e assim, ele lá passava a noite, tomava suas medicações, era observado pelos técnicos do plantão noturno se estava acordado ou não, e estes relataram sono profundo, com direito a um roncar intenso.

Eis que após uma noite de sono percebida por terceiros, questionado como tinha sido, recebemos como resposta “não dormi nada, é um inferno, todos ficam me olhando tomar banho o tempo todo, todos os brasileiros e brasileiras, eu vou explodir o senado, ninguém faz nada, não posso ficar sendo visto o tempo todo no banheiro, tudo que faço lá, todo mundo vê”. Nele, o não registro do dormir não o deixava realizar uma distinção entre uma experiência onírica e uma

¹ Texto apresentado no Colóquio CEG – Convergência – PARIS 2025: “Mal-estar, Castração, Alteridade” pela Escola Lacaniana de Psicanálise-Rio de Janeiro.

² MÁRQUEZ, García Márquez (1967). *Cem anos de solidão*. Tradução: Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record.

³ RIBEIRO, Sidarta. *O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

experiência em vigília, ou seja, um corte entre uma realidade psíquica e uma realidade externa, entre um e outro. Seria isso estar com o inconsciente a céu aberto?

Em outras situações clínicas, em quadros demenciais, causados tanto por síndromes demenciais neurodegenerativas quanto na demência por uma toxicomania pelo álcool, é comum ouvir confabulações desses sujeitos ou seja, preencherem, inconscientemente, lacunas amnésicas de uma narrativa com eventos ocorridos no passado, observados com maior frequência quando são escutados próximo ao horário de despertarem, antes que o esquecimento do sonho opere.

Em ambas as situações, essas pessoas cumprem a regra de ouro de uma análise: falam a um outro livremente, regularmente, toda semana. Não vão a um *setting* analítico, mas o colocam em um lugar para escutá-los, demandam isso. Até a pandemia, escutava a eleição do divã como principal dispositivo na *práxis* analítica para se caracterizar uma análise, ou ainda mais específico, a passagem do analisando da poltrona para o divã como o momento de entrada verdadeiramente na análise, no segundo tempo de uma análise, a do tempo para compreender, entre o instante de ver e o momento de concluir.

Muitos relatos de casos que não seguiam esse rito descrito acima já questionavam o traço imprescindível do Divã. Tais experiências ficam na indecisão quanto a se se poderia ser nomeado um percurso psicanalítico do sujeito nesse moldes outros. Vem, então, a pandemia com seu corte irreversível no rito, fazendo com que a necessidade de sustentar as análises em curso e de acolher as novas demandas fossem franqueadas pelos analistas, que viram-se, mais um vez, em um lugar de dissecação entre estrutura e função, assim como foi o corte feito por Lacan ao elaborar que os genitores masculinos e femininos não correspondiam, necessariamente, às funções paterna e materna respectivamente.

Ao pesquisar sobre a primeira epígrafe de Gabriel García Márquez, a fim de saber quando e onde ele proferiu aquelas palavras, não tive sucesso, mas encontrei uma frase parecida, de Karl Groos, datada de 1904: “Não paramos de brincar porque ficamos velhos, nós ficamos velhos porque paramos de brincar”. Atribuída a outros escritores ingleses posteriores a ele, chega a nós por Gabriel Garcia Marquez, trocando o brincar por sonhar, podendo as duas serem verdades sem uma excluir a outra. Mais, ainda, como o brincar e o sonhar estão intrinsecamente relacionados entre si e com a satisfação de desejos inconscientes, afinal “toda brincadeira tem um fundo de verdade”.

Da mesma maneira que as duas frases formadas, uma com o brincar, outra com o sonhar, podem portar veracidade sem se excluírem, o corte que a pandemia fez em nossa *práxis* nos ensina, retrospectivamente, que as situações transferenciais vivenciadas fora do cenário psicanalítico já nos orientavam quanto ao cerne de uma análise, que prioriza a dinâmica dos objetos pulsionais olhar e voz em determinada ocasião que se estabelece, com frequência, a fim de franquear uma fala livre.

É assumindo o termo *praxis* em seu uso mais amplo, como Lacan o faz no *Seminário XI*, para “designar uma ação realizada pelo homem, qualquer que ela seja, colocando-o em condição de tratar o real pelo simbólico”,⁴ que articulo o objeto deste trabalho, situação transferencial psicanalítica, escutando o nome de nosso Colóquio como um tríptico, por pensar que, essencialmente, a transferência atualiza a castração com seus efeitos de mal-estar. E, sendo assim, a transferência se dá em dada ocasião e em dado tempo: é a topologia do inconsciente que aí se revela.

O desejo do analista não é um desejo puro. É um desejo de obter a diferença absoluta, aquela que intervém quando, confrontado com o significante primordial, o sujeito vem, pela primeira vez, à posição de assujeitar a ele. Só aí pode surgir a significação de um amor sem limite, porque fora dos limites da lei, somente onde ele pode viver (LACAN, 24/06/1964).

Trouxe a obra literária de 1967 como representação do que temos experimentado hoje de outra maneira. O que temos feito com nossa memória? Regis Michel, em conferência intitulada "Trauma", proferida em 2002 na II Ciranda de Psicanálise e Arte da Escola Lacaniana de Psicanálise do Rio de Janeiro, traz a nuvem como a antítese da forma, pronta para dar materialidade ao nosso imaginarizar. Hoje, a nuvem também virou destino de nossas imagens, documentos, registros, um destino virtual onde tudo fica armazenado, traindo-nos na tarefa de memorizar. Está tudo lá!

O site www.infomoney.com traz um levantamento de que há, aproximadamente, 14,3 trilhões de fotos armazenadas, globalmente, nas nuvens. As pessoas preferem apagar aplicativos a apagar fotos, e o maior motivo de compras de mais espaços de armazenamentos na Apple é para armazenar mais fotos. Esse artigo ainda traz o pensamento do sociólogo Nathan Jurgenson sobre a presença-ausência da fotografia: ela serve para provar que estivemos ali, mas nunca para revisita-la. O sociólogo ainda nos aponta para uma observação dessa hipertrofia da fotografia: "nunca fomos tão visuais e vimos tão pouco". Apagar é perder, deletar é reconhecer que aquele momento não foi tão importante quanto pareceu.⁵

Temos sonhado menos, brincado menos e nos tornado menos criativos com isso? Ou essa nova dinâmica tem gerado simplesmente uma nova economia no sonhar, no brincar e no processo criativo-inventivo? Freud temia que o mal-estar, no mundo moderno, apagasse o estranho-familiar que nos habita, tornando o teatro inaudível e invisível se, por exemplo, nada de nós nos fosse estranho, ou que houvessem coisas inumanas que jamais nos fossem familiares.⁶ Em contraponto, Lacan diz: “Sob um certo ponto de vista, o público deve ter sempre estado no mesmo nível. *Sub*

4 LACAN, J. (1964). **O Seminário, livro 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2008.

5 DOLCI, RENATO. A foto perdeu valor, mas ninguém tem coragem de apagar.

<https://www.infomoney.com.br/colunistas/convidados/a-foto-perdeu-o-valor-mas-ninguem-tem-coragem-de-apagar/>. Último acesso: 28/04/2015.

6 REGNAULT, François. **Em Torno do Vazio: a arte à luz da psicanálise**. Tradução: Vera Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2001, p. 143.

specieaeternitatis, tudo se equivale, tudo está sempre ali – simplesmente, não no mesmo lugar” (LACAN, 1959-1960, 295).

Erik Porge, em seu texto “Resumo do Real em Lacan”, traz essa dimensão do Real em sua dupla afirmação articulando-as justo nesse ponto em que quanto mais tenta-se esquecer algo, mais notícias se tem disso por sua incessante inscrição.⁷ A letra de nossa segunda epígrafe vem como efeito da capilaridade e da função da psicanálise em seu laço social, ou seja, distante 74 anos do primeiro texto sobre psicanálise no Brasil (“Psicanálise - a sexualidade nas neuroses”, Gerêncio de Souza Pinto, 1914), a letra (da música) vem dar testemunho sobre como a transferência possibilita a atualização do recalque através do retorno sempre parcial do que foi recalcado.

Phillipe Julien, em seu livro *As Psicoses, um Estudo sobre a Paranóia Comum*, nos lembra da importância de Lacan para justificar Freud situando a castração e o complexo de Édipo no seu segundo tempo constitutivo do sujeito, através do que nomeou Pai Imaginário, situando-o entre o primeiro tempo, Simbólico, e o terceiro tempo, Pai Real. Assim, nos diz que “o lacanismo é a diferença entre o Simbólico e o Imaginário. Mas o Real, o que será?”. Julien nos diz que o real do pai é o que se efetua na dissimetria entre uma geração e outra, pois nesse tempo, o lugar vazio a ser ocupado se dá por um homem que vai ocupá-lo a sua maneira.⁸

O autor em questão evoca, em seu livro *O Manto de Noé, Ensaio sobre a Paternidade*, um suposto dizer do pai real: “teu quarto é teu quarto e meu é o meu. Meu gozo não tem a nada a ver contigo; meu gozo se volta para uma mulher, uma mulher da minha geração, causa de meu desejo”.⁹ Ora, não é aí também que deixa semi-dito ao filho que ele se ocupe de seu quarto, de uma mulher de sua geração, de sua causa de desejo?, fundando, assim, um lugar a ser ocupado a sua maneira? Bem, eis aí uma alteridade radical: o voltar-se em direção a uma “mulher de sua geração” (*père-versement*) faz com que o real do pai compareça entre as gerações, pois sobre o gozo de cada sujeito, em sua época, só é possível um semi-dizer. O que uma geração inventa para si sobre seu gozo a partir do que foi semi-dito e, portanto, interdito pelas antecessoras? “Um pai não tem direito ao respeito, senão ao amor, a não ser que esse dito amor, esse dito respeito sejam perversamente [*père-versement*] cortados” (LACAN, *Seminário R.S.I*, sessão 21/01/75).

Vale ressaltar que, ao falar em real do pai, o que testemunhamos é uma perversão no discurso, e não a constituição de sujeitos perversos. Apontar tal diferença faz-se necessário visto o estigma que percebe-se ao falar da estrutura perversa, mesmo entre psicanalistas. Derrubar estigmas foi uma tarefa de Lacan quando salva sua Aimée do estigma da perversão situando-a em uma estrutura psicótica, por exemplo. Aliás, assim como a arte, ele aponta a injúria como outra via de

7 PORGE, Erik. **Resumo Sobre o Real em Lacan**. Trad. Celso Pereira de Almeida. Revista Dizer. Ed. 10. Escola Lacaniana de Psicanálise-Rio de Janeiro.

8 JULIEN, Philippe. **As psicoses: um estudo sobre a paranóia comum**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

9 JULIEN, Philippe. **O Manto de Noé: Ensaio sobre a Paternidade**. Tradução de Francisco de Farias. Rio de Janeiro: Revinter, 1997.

manifestação do Real. São muitos índices que nos convocam para estarmos atentos ao Real impossível e não dele avisados.

Assim, em um contemporâneo que distancia estrutura e função, a cada passo rumo ao futuro, um turbilhão de questionamentos discursivos ressurgem nessa abertura, entre eles: o que é um homem? uma mulher? um pai? Uma mãe? um artista? um psicanalista? o humano? quando se desvelam discursos fundantes de muitas ideologias que não mais geram uma identificação, um laço social, mas um adesivamento a tais discursos?

E como não deixar isso acontecer entre os psicanalistas? Ao mudarmos nossa presença-ausência, nossa memorização, sonhar e recalque, nossas identificações quanto a gênero e sexualidade, o que será que será da situação transferencial hoje no mundo e na Psicanálise? A Psicanálise tem deixado o lugar vazio para que sujeitos contemporâneos possam ocupar-se do discurso psicanalítico à sua maneira e, assim, possibilitarem um lugar de escuta de seus analisandos para que esses o ocupem a seu modo?